

MANIFESTO DA REDE INTERNACIONAL COLETIVO AMARRAÇÕES

“Se quer ir rápido, vá sozinho; se quer ir longe, vá em grupo”.

Escolhemos começar por esse provérbio africano porque, talvez, de modo simples, ele diga, melhor do que nós, o que faz laço para a construção deste Coletivo. Era o 2º semestre de 2016, quando fomos interpelados por um Edital do CNPq, cuja diferença de tantos outros era a demanda de que, articulados em Rede, construíssemos uma política de juventude como produto final. Com um bom número de psicanalistas docentes-pesquisadores estudiosos no tema de Universidades públicas e privadas, constatamos que, mesmo que fôssemos plurais, ainda não éramos um coletivo. Nossos esforços, de norte a sul do país, apesar de semelhantes e traduzidos em pesquisas e estudos acadêmicos na direção da juventude em situação de vulnerabilidade social no Brasil e na América Latina, precisavam de uma volta a mais a fim de dialogarem com as novas formas de desamparo que surgem a partir das condições da atualidade.

Enlaçados aos nós desse fazer, fomos, pouco a pouco, problematizando nossas ações na direção da parcela de jovens brasileiros que revela, em estatísticas de morte, o modo como temos lidado com a juventude em situação de vulnerabilidade social em nosso país. O atlas da violência de 2017, por exemplo, mostrou que jovens negros e de baixa escolaridade, entre 15 e 29 anos, são as principais vítimas de mortes violentas no país. Ainda, pelo relatório da UNICEF, o Brasil foi apontado como o sétimo país que mais mata jovens no mundo. No mapa da Violência de 2015, por sua vez, temos o dado de que o número de mortes por armas de fogo, no Brasil, é muito superior a países em situação de guerra ou conflito civil.

Frente a esse quadro, articulando a escuta à política e recusando o individualismo presente na expressão “Não fui eu”, uma pichação anônima que tingiu os muros da cidade do Rio de Janeiro – e que, João Moreira Salles, em recente artigo da Revista Piauí, inscreveu no panteão dos sintomas nacionais – decidimos criar este Coletivo.

Nesse sentido, é preciso contar um pouco sobre como chegamos até a ideia de um coletivo. Um Coletivo não é somente uma reunião de vários. Um Coletivo é um centro de convergências porosas a várias relações e condições que se cria pela proposição de compartilhamentos, de trocas e de intensidades na direção de uma causa. Um coletivo também não é um agrupamento de pessoas que necessariamente convergem para uma igualdade. O Coletivo Amarrações, mais do que homogeneidades, reúne tensões que se pretendem potentes para pensar em convergências atuantes. Por isso, também, junto ao Coletivo, agrega-se a ideia de Rede. Redes não funcionam de forma centrada, mas através de concentração de ideias, pessoas e, sobretudo, criação de forças que permitam estabelecer novas conexões permanentemente.

Buscamos, nestas amarrações coletivas, sublinhar a existência do(s) “NÓS” que nos enlaça(m) e nos torna(m) mais fortes para enfrentar o desafio de olhar para uma parcela dos invisíveis e matáveis; como bem nomeou Ettore Scola, os “feios, sujos e malvados” que a sociedade insiste em incluir pela via da exclusão. É assim, reunindo conceitos, ações, extensões e pesquisas, além de uma dose de irreverência que pretende vir de mãos dadas com a potência criativa, que buscamos não a repetição doutrinária, mas a autenticidade e o diálogo com este tempo social em suas virtudes e mazelas.

Da psicanálise, carregamos a ideia forte que nos acompanha como herança maior desde Freud: a escuta do sujeito deve estar lá onde o desamparo se constitui. Também nos sentimos politicamente convocados por Lacan, em uma fala na qual ele não poupa os analistas dos efeitos ético-políticos de seu

fazer, “devem renunciar à prática da escuta, aqueles que não conseguirem alcançar a subjetividade de seu tempo”.

Da pesquisa, trazemos a inquietação e a dose de risco que se coloca sempre que se abrem perguntas sem prudência dócil, buscando, acima de tudo, evocar efeitos éticos e políticos mesmo ali onde o laço social parece se desfazer. No trabalho em Rede de pesquisas e estudos, nacionais e internacionais, nosso foco principal tem sido justamente as possibilidades de articulações da Psicanálise com as políticas de juventude em situação de vulnerabilidade, ao tema da violência e aos outros campos de saberes e fazeres que nos ajudam a problematizar nossas ações.

Em meio a essas concepções, a Rede Internacional Coletivo Amarrações constituiu-se a partir de um grupo de pesquisadores docentes de diferentes Instituições de Ensino Superior do Brasil (UFRGS, UFSM, USP, UFMG, UNIFOR, PUCMG e PUCSP), da Colômbia (UdA), da Argentina (UNMDP) e da França (Rennes II). Visamos disseminar novas perspectivas discursivas sobre o valor da vida juvenil de forma a promover rotas alternativas à violência urbana, à criminalidade e à mortalidade dos jovens.

Nascemos também com a intenção de construir um observatório de produção de dados que sirva para a criação de tecnologias sociais de intervenção, fornecendo subsídios para estudos acadêmicos de especialistas, assim como para instituições públicas que trabalham com jovens. Frente ao atual momento social e político que o país e o mundo atravessam, acreditamos na potência de integrar nossos estudos de forma a qualificar as investigações acadêmicas que já conduzimos e adensar a interlocução com a comunidade, bem como com os organismos que se dedicam ao tema no país e no exterior.

As intervenções em Rede, para além dos trabalhos de cada pesquisador em seus polos, pressupõem a aposta na diversidade de saberes e experiências. Nesse sentido, criar formas de encontro da pesquisa acadêmica com a sociedade e com as políticas públicas, nas quais se inclua o trabalho com aquilo que, no laço social, produz mal-estar e urgência em relação a uma parcela de nossa juventude é, também, um modo de evocar os efeitos políticos da escuta. Nesse âmbito, ainda devemos destacar que considerar a articulação da Psicanálise com a Política é o que nos ajuda a construir, em nosso campo de atuação, um saber-fazer com as questões de nosso tempo.

Por fim, ou melhor, para avançarmos em um bom começo, juntamo-nos a Ítalo Calvino, quando, no texto *Cidades Invisíveis*, afirma que existem duas maneiras de não sofrer em situações extremas: uma delas seria aceitar o inferno e tornar-se parte dele até o ponto de deixar de percebê-lo; a outra, a segunda, é mais arriscada e exige uma dose de aprendizagem contínua: tentar saber reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno. Pois bem, frente aos impasses com os quais temos nos deparado, o Coletivo Amarrações, ao apostar em um tempo a construir, surge com a perspectiva de que, em Rede, possamos chegar mais longe e, quiçá, abrir espaços no escuro de nosso tempo.

Membros do COLETIVO AMARRAÇÕES
Porto Alegre, 20 de junho de 2018



COLETIVO AMARRAÇÕES